

Boletim Econômico PUC-Campinas**Economia Administração e Ciências Contábeis à
serviço da Região Metropolitana de Campinas****Editorial**

Este número do Boletim analisa o comportamento do comércio exterior da RMC e a evolução dos preços da cesta básica no município de Campinas até outubro de 2008. É o primeiro número do Boletim a incorporar dados que já capturam os impactos da crise financeira, que eclodiu nos países desenvolvidos, a partir de setembro de 2008, na região.

Apesar de conter dados com efeitos da crise em apenas um mês, outubro, a observação do fluxo de comércio exterior já permite antever uma forte desaceleração econômica em andamento. É preciso cuidado nas observações, pois os dados tratados na comparação anualizada ainda não sofreram alterações significativas, no entanto, a observação do mês de outubro, individualmente, já dá amostra da redução de comércio e de atividade econômica que teremos pela frente. As alterações observadas apontam para um recuo acentuado no fluxo de comércio exterior. Neste primeiro momento, em especial, a crise está afetando a importação, que vinha crescendo fortemente ao longo de 2008. No mês de outubro as compras no exterior por parte das empresas da RMC apresentou uma queda de cerca de 7% em comparação com o mês imediatamente anterior (setembro). Já na comparação entre períodos houve crescimento de 37,7% deixando claro que outubro deve ser o mês da inflexão da curva de

crescimento da importação na região. A exportação diminuiu 0,8% em outubro referente a setembro, cabe aguardar os dados de novembro para enfim observar os efeitos também na exportação, sabendo de antemão que, como a crise é externa e afeta economias demandadoras de bens produzidos na RMC, fatalmente a exportação também deveria recuar mais, o tamanho do recuo ainda não é possível precisar pois dependerá do impacto da crise nas economias compradoras dos bens locais.

A análise do preço da cesta básica aponta para um pequeno crescimento dos preços dos alimentos no município, em especial, aumento dos preços do arroz, do feijão e da carne, explicados pelo período de entressafra, desta forma, espera-se que o aumento não se sustente no tempo, assim, os preços devem recuar com o aumento da produção. Quanto ao acompanhamento do número de empregos gerados na RMC, a análise não foi incluída neste número, voltando a fazer parte do Boletim nas próximas edições.

O Boletim apresenta ainda um pequeno artigo abordando a evolução recente das relações comerciais entre Brasil e Argentina, incluindo dados do número de empresas da RMC que exportam ou importam bens da Argentina.

Editores

NESTA EDIÇÃO:**Comércio Exterior da
Região Metropolitana
de Campinas
Pg. 02****Cesta Básica de
Campinas
Pg. 11****Artigo:
As Relações Comerciais
Recentes entre Brasil e
Argentina (2002-2007)
Pg.14**

Comércio Exterior da Região Metropolitana de Campinas (RMC)

Prof. Adauto Roberto Ribeiro¹

Período: Janeiro a Outubro de 2008

Destaques

- No período analisado, a RMC exportou US\$ 5,2 bi e importou US\$ 9,8 bi. Em relação ao mesmo período de 2007 a exportação cresceu 8% e a importação cresceu 38%.
- O déficit no comércio exterior da RMC foi de US\$ 4,6 bilhões. Desta forma, o déficit comercial da RMC dobrou em relação ao mesmo período em 2007.
- Analisando apenas a variação ocorrida no comércio exterior no mês de outubro quando comparado com setembro (mês anterior) observa-se uma diminuição na importação da RMC de 7,4%. São os primeiros sinais dos impactos da crise financeira internacional no comércio externo da Região.
- Especificamente, o município de Campinas apresentou, no mês de outubro com relação a setembro, uma diminuição de 8% na sua importação.

Comércio Exterior da Região metropolitana de Campinas (RMC)

Comparando o período que envolve janeiro a outubro de 2008 com o mesmo período em 2007 observamos que vem se mantendo um movimento de crescimento do déficit comercial da RMC com o exterior (saldo entre as exportações menos as importações). Enquanto a exportação no período cresceu apenas

7,9% no período, a importação apresentou um aumento substancial de 37,7%. Assim, o déficit comercial ultrapassou a cifra de US\$ 4,6 bilhões, apresentando assim, um aumento de 100,7% em relação ao mesmo período do ano anterior. No entanto, o ritmo deste movimento está se começando a se alterar em função da crise financeira internacional que começa a afetar o comércio externo da região.

Tabela 1. Balança Comercial da RMC – jan-outubro - 2007 e 2008 (milhões US\$ FOB)

RMC	jan-out/07	jan-out/08	var %
Exportação	4.838	5.221	7,9
Importação	7.124	9.810	37,7
Saldo	-2.286	-4.589	100,7

Fonte: Elaboração NUPEX-CEA, a partir dos dados do MDIC.

¹ Professor do Centro de Economia e Administração da PUC-Campinas e coordenador do projeto de Extensão: "Acompanhamento do Comércio Exterior da RMC", com a participação dos discentes: Caio Diniz Xavier, Fabiana Ap. Cunha Pereira, Gabriel Schainer e Luciana Darbello.

Na tabela 2 podemos observar a evolução da exportação e da importação da Região Metropolitana por município, classificados por ordem de exportação do período mais recente. O município de Jaguariúna aparece como o maior exportador da RMC, no período, seguido do município de Campinas. Esta ordem se inverte quando analisamos

as importações, neste caso, Campinas é maior importador seguido de Jaguariúna. Observamos ainda um crescimento significativo das exportações de Indaiatuba e do crescimento importador do município de Sumaré, fruto, principalmente da atividade da indústria automotiva nestes municípios.

Tabela 2. Exportação e importação da RMC – jan-outubro - 2007 e 2008 (milhões US\$ FOB)

Exportação				Importação			
Municípios	jan-out/07	jan-out/08	var %	Municípios	jan-out/07	jan-out/08	Var%
Jaguariúna	1.171	1.135	(3,1)	Campinas	1.303	2.228	71,0
Campinas	1.078	1.043	(3,3)	Jaguariúna	1.846	1.939	5,0
Indaiatuba	488	630	29,0	Sumaré	836	1.385	65,6
Sumaré	539	609	13,1	Paulínia	1.002	1.258	25,6
Paulínia	373	492	32,0	Hortolândia	560	868	55,0
Americana	323	314	(2,6)	Indaiatuba	460	644	40,1
Vinhedo	195	247	26,7	Vinhedo	301	423	40,6
Hortolândia	136	133	(1,9)	Americana	335	413	23,4
Valinhos	128	130	1,3	Valinhos	109	140	28,1
Monte Mor	77	108	40,0	Monte Mor	109	129	18,4
Nova Odessa	87	91	4,7	Itatiba	82	115	40,8
Cosmópolis	58	85	46,5	Sta Barbara	66	91	39,3
Itatiba	71	76	7,4	Cosmópolis	44	77	76,4
Sta Barbara	60	63	4,6	Nova Odessa	46	58	24,9
Eng. Coelho	11	16	50,4	Sto Antonio	12	16	29,6
Pedreira	20	15	(21,3)	Holambra	6	11	71,3
Holambra	16	15	(3,4)	Pedreira	3	8	154,7
Sto Antonio	6	11	105,9	Artur N.	4	4	8,6
Artur N.	2	6	153,6	Eng. Coelho	1	3	163,9
RMC	4.838	5.221	7,9	RMC	7.124	9.810	37,7

Fonte: Elaboração NUPEX-CEA, a partir dos dados do MDIC.

Os dados do período demonstram a expansão significativa que vem ocorrendo nas importações nos municípios da RMC. Em todos os municípios houve aumento das aquisições no mercado externo, com destaque para o crescimento acima de 100% nos municípios de Pedreira e Engenheiro Coelho. Este movimento confirma os impactos de uma valorização da moeda brasileira no comércio exterior, com a valorização do real os bens importados ficam mais baratos para aquisição por firmas locais, desta forma, as empresas aproveitam para adquirir bens de capital e insumos no exterior, bem como bens finais

para revenda no mercado local. Mesmo assim, cabe destacar o bom desempenho exportador que alguns municípios apresentaram, como Artur Nogueira e Santo Antonio de Posse.

Seis municípios apresentaram queda nas exportações e a média de crescimento da RMC ficou em apenas 7,9% em relação ao mesmo período do ano anterior. Com o grande crescimento da importação e o baixo crescimento da exportação, o saldo comercial deficitário se ampliou na grande maioria dos municípios, como podemos ver na tabela 3, apresentada a seguir.

Tabela 3. Saldo Comercial por município da RMC – Jan-out - 2007 e 2008 (milhões US\$ FOB)

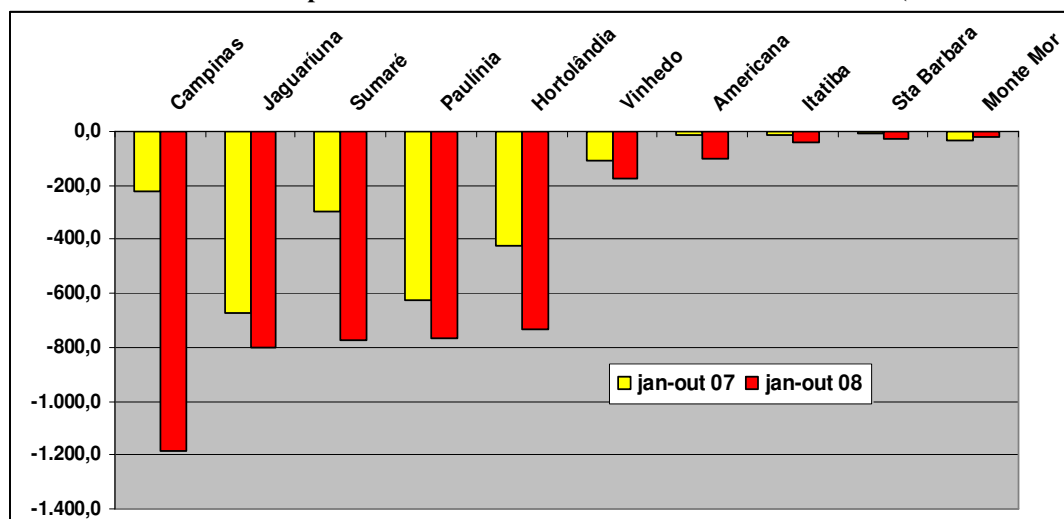
Saldo Comercial		
Municípios	jan-out 07	jan-out 08
Campinas	-224,9	-1.185,1
Jaguariúna	-675,3	-803,9
Sumaré	-297,3	-775,5
Paulínia	-629,1	-766,6
Hortolândia	-424,1	-734,5
Vinhedo	-105,5	-175,5
Americana	-12,1	-98,7
Itatiba	-11,2	-39,4
Sta Barbara	-5,4	-28,4
Monte Mor	-31,3	-20,4
Indaiatuba	28,3	-14,8
Valinhos	18,8	-10,3
Sto Antonio	-6,8	-4,5
Artur N.	-1,7	1,5
Holambra	9,4	4,4
Pedreira	16,5	7,7
Cosmópolis	14,8	8,7
Eng. Coelho	9,6	13,3
Nova Odessa	40,8	33,3
RMC	-2.286,3	-4.588,8

Fonte: Elaboração NUPEX-CEA, a partir dos dados do MDIC.

O município de Campinas foi o que contribuiu mais significativamente para o déficit da RMC. O gráfico 1

ilustra a evolução do saldo comercial com o exterior nos municípios.

Gráfico 1. Saldo dos municípios com maior déficit no comércio exterior da RMC (milhões US\$ FOB)



Fonte: Elaboração NUPEX-CEA, a partir dos dados do MDIC.

Apesar do movimento ascendente generalizado observado na importação dos municípios da RMC, ao longo do ano, quando observamos os dados do comércio exterior apenas do mês de outubro em comparação com o mês imediatamente anterior, setembro, notamos que esta ocorrendo uma reversão

de tendências (tabela 4). Nesta comparação a exportação da RMC caiu 0,8% e a importação diminuiu mais acentuadamente, 7,4%, para um movimento fortemente importador que estava ocorrendo na região, o mês de outubro foi claramente uma freada brusca nas aquisições de bens no exterior.

Tabela 4. Exportação e importação por município da RMC – out/08 em relação a set/08 (milhões US\$ FOB)

Exportação				Importação			
Municípios	set/08	out/08	var %	Municípios	Set/08	out/08	var %
Holambra	0,8	0,4	(52,9)	Cosmópolis	12,1	5,1	(58,1)
Eng. Coelho	1,9	1,1	(40,8)	Holambra	1,3	0,6	(56,3)
Jaguariúna	135,8	93,0	(31,5)	Monte Mor	15,9	9,4	(40,7)
Nova Odessa	10,1	7,6	(24,2)	Jaguariúna	243,2	195,9	(19,5)
Monte Mor	14,1	10,9	(22,8)	Vinhedo	52,1	43,6	(16,3)
Sumaré	64,2	52,3	(18,6)	Valinhos	15,3	12,9	(15,7)
Itatiba	10,5	9,1	(13,1)	Hortolândia	103,1	89,3	(13,4)
Americana	32,4	29,3	(9,7)	Campinas	281,1	258,9	(7,9)
Vinhedo	28,8	27,0	(6,3)	Paulínia	207,8	192,5	(7,4)
Indaiatuba	77,4	73,2	(5,4)	Indaiatuba	82,5	79,0	(4,2)
Valinhos	12,1	12,1	0,3	Americana	48,4	47,0	(3,0)
Sta Barbara	6,6	6,8	3,1	Nova Odessa	5,5	5,4	(2,2)
Campinas	111,4	116,6	4,7	Sto Antonio	1,8	1,9	4,6
Artur N.	0,4	0,5	39,9	Pedreira	1,0	1,0	5,1
Pedreira	1,7	2,4	40,9	Sumaré	173,1	200,3	15,7
Cosmópolis	9,5	15,5	63,1	Sta Barbara	11,4	14,5	27,7
Hortolândia	14,5	25,5	76,6	Itatiba	10,4	14,0	34,8
Paulínia	42,8	84,5	97,7	Eng. Coelho	0,1	0,2	129,9
Sto Antonio	0,1	2,1	2.401,2	Artur N.	0,2	0,5	134,8
RMC	574,8	570,0	(0,8)	RMC	1.266,1	1.171,9	(7,4)

Fonte: Elaboração NUPEX-CEA, a partir dos dados do MDIC.

Percebe-se, na tabela 4, que ocorreu de maneira generalizada na região uma retração no fluxo de comércio exterior, com ênfase mais acentuada na contração das importações, contrariando o forte movimento de expansão das compras externas que vínhamos observando ao longo do ano de 2008. Este

movimento já indica a presença de impactos negativos da crise financeira internacional nas operações de comércio exterior da RMC. Observa-se que com este novo movimento, o déficit comercial da região registrou um recuo na comparação com o mês anterior.

Tabela 5. Exportação e importação da RMC e de Campinas (out/08 – set/08) milhões US\$ FOB

RMC	set/08	out/08	var %
<i>Export.</i>	575	570	(0,8)
<i>Import.</i>	1.266	1.172	(7,4)
<i>Saldo</i>	-691	-602	-12,9

Fonte: Elaboração NUPEX-CEA, a partir dos dados do MDIC.

Estes primeiros dados apontam que a crise, neste primeiro momento, atinge mais fortemente o movimento importador. Provavelmente gerando uma diminuição da importação de insumos nos setores econômicos mais voltados para o atendimento da demanda interna, que trabalham com uma previsão de desaquecimento do consumo (automóveis, por exemplo). No entanto, ainda é cedo para se avaliar até onde vai o impacto da crise no fluxo de comércio exterior da RMC. As alterações apenas começaram. Nos próximos meses, em função de alterações nas previsões de demanda interna e externa e, dependendo do patamar em que a taxa de câmbio vier a se estabilizar, novas alterações ocorrerão no fluxo comercial.

Espera-se que, em um bom cenário para a região, a demanda externa não diminua acentuadamente e que a taxa de câmbio se estabilize em um patamar superior ao que vigorava antes da crise, ou seja, com uma desvalorização cambial, o que daria mais competitividade para os produtos locais no mercado

externo, sendo assim a exportação não seria tão afetada negativamente, ao contrário, poderia até ocorrer sua expansão. Da mesma forma, a manutenção da demanda interna também contribuiria para a sustentação dos atuais níveis de emprego e renda na região. O pior cenário para a RMC seria uma forte desaceleração conjunta da demanda externa e interna, o que geraria diminuição acentuada da produção e do emprego.

Comércio exterior da RMC em relação ao Estado de São Paulo e ao Brasil

Comparando a evolução do comércio exterior da RMC com dados do Brasil e de São Paulo constatamos que em função do movimento importador, até então generalizado, o Brasil está diminuindo seu superávit comercial com o exterior de maneira contínua, enquanto a RMC e o Estado de São Paulo já apresentam déficit comercial com o exterior em expansão.

Tabela 6. Exportação e Importação da RMC, do Estado de São Paulo e do Brasil (milhões US\$ FOB)

	jan-out 07			jan-out 8		
	exp	imp	Saldo	Exp	imp	Saldo
RMC	4,8	7,1	(2,3)	5,2	9,8	(4,6)
SP	46,4	39,6	6,8	53,8	56,7	(2,8)
Brasil	132,4	98,0	34,4	169,4	148,6	20,8

Fonte: Elaboração NUPEX-CEA, a partir dos dados do MDIC.

Com este movimento a RMC está diminuindo sua participação relativa no fluxo de comércio exterior

tanto do Estado de São Paulo quanto do Brasil, como podemos observar na tabela 7.

Tabela 7. Participação da RMC no Comércio Exterior de São Paulo e do Brasil (%)

RMC	Exportação		Importação	
	Jan-out 2007	Jan-out 2008	Jan-out 2007	Jan-out 2008
Em relação a SP	10,4	9,7	18,0	17,3
Em relação ao Brasil	3,7	3,1	7,3	6,6

Fonte: Elaboração NUPEX-CEA, a partir dos dados do MDIC.

Comércio exterior da RMC por categoria de bens

O cenário observado por categorias de bens mostra queda na exportação de bens de capital e expansão nas demais categorias, com destaque para a exportação de combustíveis. Já a crescimento da importação estava relacionado com a expansão da produção e da capacidade produtiva local indicando

estratégias de diminuição de custos nas empresas, dado que a valorização da moeda brasileira diminuía o preço dos bens importados, no entanto, com a desvalorização cambial e a crise financeira externa que começa a chegar ao setor real da economia, esta estratégia entra em crise e precisará ser modificada. As empresas tendem a diminuir importações e rever suas projeções de vendas internas e externas.

Tabela 8: Exportação e Importação da RMC por categoria de bens – jan-out/2007 e 2008 (milhões US\$ FOB)

Categoria de bens	Exportação			Importação		
	jan-out/07	jan-out/08	var %	jan-out/07	jan-out/08	var %
Bens de Capital	1.933	1.828	(5,4)	3.497	4.733	35,4
Bens Intermediários	2.153	2.414	12,1	3.229	4.389	35,9
Bens de Consumo	685	831	21,3	393	659	67,4
Duráveis	444	485	9,0	80	230	188,4
Não duráveis	240	346	44,0	314	429	36,7
Combustíveis e lubrificantes	3	23	576,8	5	29	524,8
Total exportado	4.838	5.221	7,9	7.124	9.810	37,7

Fonte: Elaboração NUPEX-CEA, a partir dos dados do MDIC.

No entanto, é necessário aguardar os próximos meses para melhor avaliar os impactos da crise na produção e no fluxo de comércio exterior da região.

Destinos e origens dos bens no fluxo de comércio exterior da RMC

O MERCOSUL segue ampliando sua participação como o principal mercado externo da RMC, absorvendo aproximadamente 32% do total exportado pela região, no mesmo período do ano passado este percentual era de 28,8%. Destaca-se a queda ocorrida na exportação para os EUA, que em função da crise espera-se que deverá se acentuar nos próximos meses.

Tabela 9: Destino da exportação da RMC (milhões US\$ FOB)

Principais destinos	jan-out07	part %	jan-out08	part %	var %
MERCOSUL	1.391	28,8	1.667	31,9	19,8
ALADI (sem MERCOSUL)*	1.535	31,7	1.496	28,6	(2,6)
Estados Unidos	799	16,5	742	14,2	(7,1)
União Européia	452	9,3	513	9,8	13,5
Ásia (sem Oriente Médio)	120	2,5	164	3,1	36,9
África	30	0,6	41	0,8	38,3
Total	4.838	100,0	5.221	100,0	7,9

Fonte: Elaboração NUPEX-CEA, a partir dos dados do MDIC.

Agrega os países: Chile, Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, México e Cuba.

Quanto à origem dos bens importados pela RMC no período observa-se que os países asiáticos ainda ampliaram sua participação como principais fornecedores da região, de 51,1% em 2007 para os

atuais 52% em 2008. Espera-se, porém, que com a crise o crescimento de importações da Ásia perca dinamismo, cabe observar os dados dos próximos meses.

Tabela 10. Origem da importação da RMC (milhões US\$ FOB)

Principais origens	jan-out07	part %	jan-out08	part %	var %
Ásia (sem Oriente Médio)	3.639	51,1	5.104	52,0	40,2
União Européia	1.557	21,9	2.092	21,3	34,4
Estados Unidos	1.118	15,7	1.331	13,6	19,1
ALADI (sem MERCOSUL)*	143	2,0	332	3,4	132,6
MERCOSUL	135	1,9	185	1,9	37,4
África	10	0,1	20	0,2	100,8
Total	7.124	100,0	9.810	100,0	37,7

Fonte: Elaboração NUPEX-CEA, a partir dos dados do MDIC. * Chile, Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, México e Cuba.

Análise do comércio exterior do MUNICÍPIO de CAMPINAS

Quando comparamos o período janeiro a outubro de 2008 em relação ao mesmo período de 2007 vemos que a importação do município de Campinas cresceu significativamente 71% com a exportação permanecendo praticamente estagnada. No entanto, quando observamos apenas a movimentação recente das importações, comparando outubro com relação ao mês anterior, o movimento se inverte, apresentando

queda de 7,9%. Este dado aponta para o início de um período de transformações no comportamento do comércio exterior em função da crise financeira internacional. Não se pode precisar a extensão das alterações que ocorrerão. Somente os dados do comércio exterior dos próximos meses é que permitirão uma avaliação mais precisa dos impactos da crise, no entanto, dado que a crise atinge importantes mercados para os quais o produto do município se destina a exportação também deverá recuar.

Tabela 11. Comércio Externo do MUNICÍPIO DE CAMPINAS - períodos distintos (milhões US\$ FOB)

Campinas	jan-out/07	jan-out/08	var %
Exp	1.078	1.043	(3,3)
Imp	1.303	2.228	71,0
Saldo	-225	-1.185	426,9
Campinas	set/08	out/08	var %
Exp	111	117	4,7
Imp	281	259	(7,9)
Saldo	-170	-142	-16,2

Fonte: Elaboração NUPEX-CEA, a partir dos dados do MDIC.

Categoria de bens comercializados com o exterior pelo Município de Campi nas

A exportação do município recuou no período analisado, basicamente em função da queda na exportação de bens de capital (-23,2%), dado que o volume exportado é expressivo. Com isso a exportação mais significativa do município passou a ser a de bens intermediários, demonstrando a inserção do município em uma rede de produção e comércio

intra-industrial, com grande movimentação de partes, peças e componentes industriais.

Neste mesmo período, a importação cresceu com a expansão das compras externas de bens de capital, o que confirma a expansão da capacidade produtiva local, que ao se expandir passou a exigir também uma maior importação de bens intermediários. Destaca-se também no período o grande crescimento percentual nas importações de combustíveis.

Tabela 12. Exportação e Importação do MUNIC. DE CAMPINAS - categoria de bens – (milhões US\$ FOB)

Categoria de bens	Exportação			Importação		
	jan-out 07	jan-out 08	var %	jan-out 07	jan-out 08	var %
Bens de Capital	542	416	(23,2)	714	1.380	93,3
Bens Intermediários	403	423	5,0	479	693	44,8
Bens de Consumo	70	78	12,2	110	129	17,6
Duráveis	45	40	(11,3)	17	13	(22,9)
Não duráveis	25	38	54,6	93	116	25,0
Combustíveis e lubrificantes	0	1	226,9	1	25	4.080,3
Demais operações	64	125	95,9	0	0	--
Total	1.078	1.043	(3,3)	1.303	2.228	71,0

Fonte: Elaboração NUPEX-CEA, a partir dos dados do MDIC.

Composição do comércio exterior do município de Campinas por produtos

Nos primeiros dez meses de 2008 o principal produto exportado pelo município (telefone celular) apresentou queda de 13,1% em sua venda externa, comparando com o mesmo período de 2007. No entanto, este produto ainda representa 15,3% do total

exportado pelo município. Destaca-se no período o crescimento do abastecimento (consumo de bordo) de aeronaves, isto se deve à expansão do movimento de cargas e passageiros no Aeroporto Internacional de Viracopos ao longo do ano. Cabe destacar que com a crise este consumo deverá cair nos próximos meses. Dados de outubro em relação a setembro já indicam uma redução de cerca de 10%, em valores, neste item.

Tabela 13. Produtos exportados pelo MUNICÍPIO DE CAMPINAS – jan-outubro - 2007 e 2008 (milhões US\$ FOB)

Principais produtos exportados	jan-out 07	part %	jan-out 08	part %	var %
Terminais de telefonia celular	183	17,0	159	15,3	(13,1)
Consumo de bordo – aeronaves	64	5,9	125	12,0	95,8
Freios e partes p/ veículos	79	7,4	70	6,7	(11,7)
Motor elétrico corr.altern trif. 75KW<pot<=7500KW	59	5,5	61	5,8	3,4
Aparelhos p/ cozinhar/aquecer	41	3,8	37	3,5	(10,2)
Pneus novos automóveis	46	4,3	36	3,5	(21,2)
Turboalimentadores de ar (P<=50KG)	19	1,7	25	2,4	33,0
Partes p/ motores explosão	18	1,7	21	2,0	15,0
Total exportado	1.078	100,0	1.043	100,0	(3,3)

Fonte: Elaboração NUPEX-CEA, a partir dos dados do MDIC.

Do lado da importação, o período confirma o crescimento da compra externa de peças e componentes no exterior, com destaque para a importação de dispositivos de cristal líquido (LCD) e

circuitos impressos, executada, principalmente, pelo setor eletro-eletrônico e automotivo, e a compra externa de insumos, como é o caso do cloreto de potássio, como podemos observar na tabela 14.

Tabela 14. Produtos importados pelo MUNICÍPIO DE CAMPINAS – jan-outubro - 2007 e 2008 (milhões US\$ FOB)

Principais produtos importados	jan-out 07	part %	jan-out 08	part %	var %
Dispositivos de cristal líquido (LCD)	40	3,1	162	7,3	305,1
Partes p/ telefonia	69	5,3	113	5,1	63,8
Circuitos impressos (comp. eletr. montados)	35	2,7	78	3,5	125,1
Aparelhos transm. p/ radiotel (f<15GHZ)	0	0,0	60	2,7	*
Cloreto de potássio	18	1,4	53	2,4	187,3
Outros circuitos integrados monolíticos	37	2,9	52	2,3	38,8
Aparelhos/dispositivos p/ ignição (motor explosão)	35	2,7	46	2,1	29,1
Memórias digitais montadas	29	2,2	44	2,0	53,4
Total importado	1.303	100,0	2.228	100,0	71,0

Fonte: Elaboração NUPEX-CEA, a partir dos dados do MDIC. (*) dado não calculado em função da variação ser muito ampla.

Destino e Origem do Comércio Exterior do município de Campinas

A Argentina foi ao longo do ano de 2008 se consolidando como o principal mercado para os produtos exportados pelo município de Campinas,

superando as exportações para os Estados Unidos. No período a exportação para a Argentina cresceu 24% enquanto a exportação para os Estados Unidos diminuíram cerca de 20%. No período cresceram significativamente as exportações para o Equador e para o Uruguai. Destaca-se também o crescimento da

provisão para aeronaves, aumento de 96% no período analisado. Isto se deve ao crescente movimento de cargas e de passageiros no aeroporto de Viracopos.

Destaque negativo para a queda nas vendas externas para a Venezuela.

Tabela 15. Destinos da exportação do MUNICÍPIO DE CAMPINAS – jan-outubro - 2007 e 2008 (US\$ FOB)

Principais destinos	jan-out 07	part %	jan-out 08	part %	var %
1 ARGENTINA	186	17,3	231	22,2	24,0
2 ESTADOS UNIDOS	253	23,4	205	19,7	(18,9)
3 PROVISAO DE AERONAVES	64	5,9	125	12,0	95,8
4 MEXICO	63	5,8	70	6,7	11,9
5 VENEZUELA	182	16,9	38	3,7	(79,1)
6 CHILE	28	2,6	35	3,4	25,3
7 ALEMANHA	38	3,5	33	3,2	(12,0)
8 URUGUAI	9	0,8	22	2,1	157,1
9 EQUADOR	4	0,4	20	1,9	360,9
10 COLOMBIA	19	1,8	19	1,8	(1,0)
Total dos dez principais	846	78,4	799	76,6	(5,5)
Total exportado	1.078	100,0	1.043	100,0	(3,3)

Fonte: Elaboração NUPEX-CEA, a partir dos dados do MDIC.

Quanto aos bens importados, predominam as importações provenientes da China e da Coréia do Sul. Isto ocorre em função do tipo de bem importado, componentes eletro-eletrônicos, e pela presença de empresas coreanas de eletrônicos na região. Observa-

se que o movimento de concentração da importação em poucos países continua, ou seja, a participação percentual dos dez principais países de origem do bem importado passou de 77% para 81% na comparação entre os períodos.

Tabela 16. Origens das importações do MUNICÍPIO DE CAMPINAS – jan-outubro - 2007 e 2008 (US\$ FOB)

Principais origens	jan-out 07	part %	jan-out 08	part %	var %
1 CHINA	110	8,42	507	22,75	361,65
2 COREIA DO SUL	263	20,21	403	18,11	53,21
3 ESTADOS UNIDOS	228	17,5	266	11,93	16,56
4 ALEMANHA	180	13,81	251	11,24	39,22
5 TAIWAN	34	2,63	82	3,69	140,57
6 FRANCA	48	3,66	71	3,21	50,04
7 ARGENTINA	35	2,67	66	2,97	90,35
8 JAPAO	52	3,96	61	2,74	18,43
9 ITALIA	31	2,39	45	2,04	45,89
10 RUSSIA	22	1,69	42	1,87	89,46
Total dos dez principais	1.002	77	1.795	81	79,0
Total importado	1.303	100	2.228	100	70,97

Fonte: Elaboração NUPEX-CEA, a partir dos dados do MDIC.

Em perspectiva mais ampla os dados apresentam uma expansão do fluxo de comércio na comparação janeiro a outubro de 2008 com relação a 2007, no entanto, ao observarmos o mês de outubro isoladamente, notamos mudanças no comportamento da exportação e da importação que indicam alterações

em andamento, isto se deve à crise recente que esta se espalhando pela economia mundial, atingindo o comércio internacional. Estas alterações só se tornarão mais visíveis nas próximas análises do boletim, com dados de novembro e dezembro.

Cesta Básica de Campinas

Prof. Cândido Ferreira da Silva Filho²

Período: janeiro a outubro de 2008

A pesquisa da cesta básica de Campinas, atividade de extensão realizada pela PUC Campinas, acompanha a evolução dos preços de 13 produtos de alimentação e o gasto mensal de um trabalhador para adquiri-los.

A metodologia da pesquisa da cesta básica de Campinas foi estabelecida com base no Decreto Lei no. 399, de 30 de abril de 1938, que regulamenta o salário mínimo no Brasil.

Resultados

A cesta básica de Campinas apresentou, no mês de outubro de 2008, um custo médio de R\$ 212,42. Em setembro o custo médio havia ficado em R\$ 207,81. Portanto, verificamos no último mês uma tendência de aumento nos preços dos alimentos.

Em outubro o aumento no custo da cesta básica foi de 2,22%. Esta tendência também foi apurada pelo DIEESE, que registrou aumento nos preços dos alimentos nas principais capitais brasileiras (Tab. 1).

TABELA 1. Custo da cesta básica em outubro de 2008 (em R\$) e variação mensal (em %).

Municípios	Campinas ¹	São Paulo ²	Belo Horizonte ²	Rio de Janeiro ²	Vitória ²	Goiânia ²	Brasília ²
Valor (R\$)	212,42	238,15	222,71	220,99	213,56	200,70	220,44
Variação (%)	2,22	1,48	0,79	2,51	4,13	1,22	-0,27

Nota: 1. PUC Campinas. 2. DIEESE.

No mês de outubro a tendência foi de aumento nos preços dos alimentos. Desde janeiro de 2008 o custo da cesta básica de Campinas já registra alta de 5,04%

(tabela 2). Nos últimos 12 meses, o custo da cesta básica em Campinas cresceu 17,60%.

TABELA 2. Evolução do custo da cesta básica (em R\$) e variação mensal (em %). Em 2008.

Mês	Valor	%	Mês	Valor	%
Janeiro	202,22	2,94	Julho	213,34	0,42
Fevereiro	185,00	-8,52	Agosto	209,44	-1,83
Março	196,24	6,08	Setembro	207,81	-0,78
Abril	204,86	4,39	Outubro	212,42	2,22
Mai	209,24	2,41			
Junho	212,45	1,53			

Fonte: PUC Campinas.

Em outubro o custo da cesta básica foi equivalente a 51,19% do salário mínimo. Em setembro o custo da cesta básica foi equivalente a 50,07% do salário mínimo. Portanto, a o aumento nos preços dos alimentos implicou numa redução do poder de compra do trabalhador campineiro.

No que diz respeito à jornada de trabalho, em outubro foram necessárias 112 horas e 37 minutos para

adquirir a cesta básica, enquanto no mês de setembro haviam sido necessárias 110 horas e 10 minutos para adquirir a cesta básica.

Estes resultados evidenciam que o trabalhador campineiro precisou trabalhar um número maior de horas adquirir a cesta básica.

A Constituição determina que o salário mínimo precisa atender às necessidades de uma família - 2

² Professor do Centro de Economia e Administração da PUC-Campinas.

adultos e 2 crianças - em termos de alimentação, moradia, transporte, vestuário, saúde, educação, higiene, lazer e previdência. Segundo pesquisa do DIEESE os gastos com alimentação correspondem a 35,71% das despesas de uma família.

Com base nestas informações, e considerando que o trabalhador campineiro gastou no último mês R\$ 212,42 para adquirir os alimentos que fazem parte da cesta básica, então o salário mínimo necessário para o trabalhador atender às suas necessidades e de sua família deveria ter sido de R\$ 1.784,54 equivalente a 4,30 vezes o salário mínimo vigente.

Comportamento dos preços

Na tabela 3 podemos verificar os preços médios dos itens que compõem a cesta básica de Campinas.

O gasto mensal do trabalhador para adquirir cada um dos itens que fazem parte da ração essencial está relacionado na tabela 4.

O comportamento (variação) dos preços dos alimentos em Campinas, no mês de outubro está registrado na tabela 5.

TABELA 3. Preços médios (em R\$) dos alimentos da ração essencial. Campinas-SP, nos meses de outubro, setembro e agosto de 2008.

Alimentos	Outubro	Setembro	Agosto
Carne (kg)	13,90	13,31	12,33
Leite (l)	1,49	1,46	1,56
Feijão (kg)	4,49	4,30	4,35
Arroz (5kg)	9,24	8,68	8,93
Farinha de trigo (kg)	1,57	1,61	1,85
Batata (kg)	1,05	1,10	1,58
Tomate (kg)	1,72	1,83	2,35
Pão francês (kg)	5,20	5,00	4,96
Café em pó (500g)	3,99	3,90	4,04
Banana (kg)	1,47	1,50	1,45
Açúcar refinado (kg)	1,00	0,96	0,89
Óleo de soja (900ml)	2,59	2,73	2,93
Manteiga (200g)	2,62	2,60	2,37

Fonte: Preços médios apurados pela PUC Campinas.

TABELA 4. Gasto mensal, por itens, para aquisição da cesta básica. Campinas-SP, nos meses de outubro, setembro e agosto de 2008. Em R\$.

Alimentos	Quantidades	Outubro	Setembro	Agosto
Carne	6,0 quilos	83,40	79,86	73,98
Leite	7,5 litros	11,18	10,95	11,70
Feijão	4,5 quilos	20,21	19,35	19,58
Arroz	3,0 quilos	5,54	5,21	5,36
Farinha de trigo	1,5 quilo	2,36	2,42	2,78
Batata	6,0 quilos	6,30	6,60	9,48
Tomate	9,0 quilos	15,48	16,50	21,15
Pão francês	6,0 quilos	31,20	30,00	29,76
Café em pó	600 gramas	4,79	4,68	4,85
Banana	7,5 dúzias	16,54	16,88	16,31
Açúcar refinado	3,0 quilos	3,00	2,88	2,67
Óleo de soja	900 ml	2,59	2,73	2,93
Manteiga	750 gramas	9,83	9,75	8,89
Total		212,42	207,81	209,44

Fonte: Custo médio da cesta básica apurado pela PUC Campinas.

Observando a tabela 5 verificamos que os itens que registram redução nos preços no mês de outubro foram os hortigranjeiros, a batata (-4,55%), o tomate (-6,01%) e banana (-2,00%), o óleo de soja (-5,13%) e a farinha de trigo (-2,48%). Os demais itens que apresentaram elevação nos preços: carne bovina (4,43%), o feijão (4,42%), o arroz (6,45%), o açúcar (4,17%), leite (2,05%), a manteiga (0,77%), o pão francês (4,00%), e o café em pó (2,31%). Os hortigranjeiros como, tomate, batata e banana, estão sofrendo reduções nos preços por conta do período de produção. As condições climáticas não estão prejudicando a produção, contribuindo para a maior oferta e, por conseguinte, redução nos preços. Itens

como o feijão e o arroz registraram aumentos nos preços, que se explicam pelo período de entressafra. Com as novas safras chegando ao mercado, se espera redução nos preços. A carne bovina também registrou aumentos nos preços, apesar do fim do período de estiagem e da entressafra. Isto se explica, de um lado, pela ampliação das áreas para exportação e, de outro, pela desvalorização da moeda, que estimula a exportação e, por consequência, reduz a oferta interna. O preço do açúcar está em alta. Todavia, considerando que a safra de cana já está encerrada, a elevação nos preços não deverá se sustentar nos próximos meses.

TABELA 5. Comportamento nos preços dos alimentos - Campinas, outubro de 2008 (var. %).

Alimentos	outubro¹
Carne (kg)	4,43
Leite (l)	2,05
Feijão (kg)	4,42
Arroz (5kg)	6,45
Farinha de trigo (kg)	-2,48
Batata (kg)	-4,55
Tomate (kg)	-6,01
Pão francês (kg)	4,00
Café em pó (500g)	2,31
Banana (kg)	-2,00
Açúcar (kg)	4,17
Óleo de soja (900ml)	-5,13
Manteiga (200g)	0,77

Nota: 1. Variações nos preços médios apurados pela PUC Campinas.

Artigo: As Relações Comerciais Recentes entre Brasil e Argentina (2002-2007)

*Adauto Roberto Ribeiro³
Fabiana Aparecida da Cunha Pereira⁴*

O Brasil e a Argentina, apesar de vizinhos, mantiveram ao longo de quase toda sua história pouca integração entre suas economias, desenvolvendo-se, por assim dizer, em paralelo e mantendo relações econômicas e comerciais bem mais estreitas com a países da Europa e com os Estados Unidos do que entre si. No entanto, nas últimas décadas, mais precisamente após a redemocratização dos dois países ocorrida em meados dos anos 80, ampliou-se um processo de aproximação e integração econômica que vem modificando o perfil das duas economias. Este

processo se iniciou com a assinatura de um protocolo de aproximação econômica que deu origem ao tratado do MERCOSUL (Mercado Comum do Sul), assinado em 1991, que ampliava o número de países, envolvendo agora Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai.

O resultado imediato do acordo foi o crescimento do comércio bem como a ampliação do processo de especialização produtiva de cada economia. A expansão do fluxo de comércio pode ser observada na tabela 1.

Tabela 1. Fluxo de comércio entre Brasil e Argentina (milhões US\$ FOB)

Ano	Exportação	Var. %	Importação	Var. %	Saldo	Corrente de comércio
1990	645	-10,7	1.400	13,0	-755	2.045
1991	1.476	128,8	1.609	15,0	-133	3.085
1992	3.040	105,9	1.732	7,6	1.308	4.772
1993	3.659	20,4	2.717	56,9	942	6.376
1994	4.136	13,0	3.662	34,8	474	7.798
1995	4.041	-2,3	5.591	52,7	-1.550	9.633
1996	5.170	27,9	6.805	21,7	-1.635	11.975
1997	6.769	30,9	7.941	16,7	-1.172	14.711
1998	6.748	-0,3	8.023	1,0	-1.275	14.772
1999	5.364	-20,5	5.812	-27,6	-448	11.176
2000	6.238	16,3	6.843	17,7	-606	13.081
2001	5.010	-19,7	6.207	-9,3	-1.197	11.216
2002	2.347	-53,2	4.744	-23,6	-2.397	7.090
2003	4.570	94,8	4.673	-1,5	-103	9.242
2004	7.391	61,7	5.570	19,2	1.821	12.961
2005	9.930	34,4	6.241	12,1	3.689	16.171
2006	11.740	18,2	8.053	29,0	3.686	19.793
2007	14.417	22,8	10.410	29,3	4.007	24.827

Fonte: elaboração dos autores com dados da SECEX-MDIC (2007)

³ Professor do CEA. Coordenador do Projeto de Acompanhamento do Comércio Exterior da RMC.

⁴ Discente da Faculdade de Administração de Empresas e voluntária no Projeto de Acompanhamento do Comércio Exterior da RMC.

Os dados demonstram que ocorreu um grande crescimento do comércio estimulado pelo Tratado do MERCOSUL, a partir de 1991, com crescimento das exportações brasileiras acima de 100% ao ano por dois anos consecutivos. Cabe ressaltar que neste período a moeda argentina se apresentava valorizada em relação a moeda brasileira, o que facilitava ainda mais o crescimento das exportações do Brasil para a Argentina. Do lado das importações, de início, o crescimento não foi tão substancial, no entanto, após a estabilização da economia brasileira com a adoção de uma política de valorização da moeda nacional, o Brasil passou a importar mais bens da Argentina.

Como podemos ver, com o Plano Real, e a valorização da moeda brasileira, o fluxo de comércio ficou favorável a economia argentina (1994-98), expandindo as exportações argentinas para o Brasil. A exportação da Argentina para o Brasil neste período passou de US\$ 3,6 bilhões para US\$ 8 bilhões. Em 1998 a Argentina chegou a possuir um

superávit de aproximadamente US\$ 1,3 bilhão de dólares no seu comércio com o Brasil

A desvalorização do Real ocorrida em 1999 e a crise argentina no início do século XX contribuíram para fazer com que o fluxo de comércio entre os países recuasse acentuadamente. No entanto, após dois anos de grave crise econômica a recuperação argentina, iniciada em 2002, fez com que o fluxo de comércio entre os dois países retomasse sua rota de expansão, agora com o fluxo de comércio passando a favorecer a economia brasileira, com o Brasil passando a apresentar saldo positivo no comércio com a Argentina a partir de 2004.

Principais produtos comercializados entre Brasil e Argentina (2002 e 2007)

Observando as exportações brasileiras para a Argentina, entre 2002 e 2007, por capítulos da NCM, temos que:

Tabela 2. Exportação Brasileira para a Argentina por capítulo (NCM) - milhões US\$ FOB

Exportação	valor 2002	part %	valor 2007	part %	Var (%) 07/02
Total geral	2.342	100	14.417	100	515,6
Material de transporte	338	14,4	4.239	29,4	1.153,8
Maquinas/aparelhos elétricos	304	13,0	3.265	22,7	975,7
Produtos da ind. química	560	23,9	1.496	10,4	167,0
Metais comuns e suas obras	199	8,5	1.338	9,3	573,3
Plásticos e borracha e suas obras	267	11,4	1.171	8,1	338,5
Produtos minerais	152	6,5	936	6,5	517,4

Fonte: elaboração dos autores com dados da SECEX-MDIC (2007)

Com os dados da tabela acima podemos observar que no período 2002/07, a grande expansão na exportação se deu no capítulo material de transporte, que incluem

automóveis e autopeças. Estes produtos passaram a ser os mais importantes na pauta exportadora do Brasil para a Argentina.

Tabela 3. Importação Brasileira de bens argentinos por capítulo (NCM) - milhões US\$ FOB

	Valor 2002	part %	Valor 2007	part %	var 2007/2002
Total Geral	4.743	100	10.410	100	119,5
Material de transporte	823	17,4	3.023	29	267,3
Produtos do reino vegetal	1.013	21,4	1.939	18,6	91,4
Produtos minerais	894	18,9	1.745	16,8	95,2
Produtos da ind. química	414	8,7	905	8,7	118,5
Plásticos e suas obras	407	8,6	788	7,6	93,5
Máquinas e Ap. elétricos	305	6,4	565	5,4	85,1

Fonte: elaboração dos autores com dados da SECEX-MDIC (2007)

O principal produto importado pelo Brasil, proveniente da Argentina, também foram os produtos da indústria automotiva, seguidos dos produtos vegetais, com destaque para o trigo.

A Região Metropolitana de Campinas e seu comércio exterior

A RMC, pelo fato de ser altamente industrializada, é uma grande exportadora de bens industrializados e importadora de bens intermediários. Assim, apresenta uma balança comercial deficitária com o mercado externo, no ano de 2006 este déficit foi de US\$ 1,4

bilhões, que se ampliou para US\$ 2,7 bilhões em 2007. Além da estrutura industrial fortemente importadora existente na RMC, outra causa deste déficit estrutural no comércio exterior reside na falta de uma política industrial focada no fortalecimento da cadeia produtiva local e de uma política cambial mais favorável a exportação, em suma, de um conjunto de medidas que reforcem o conteúdo local dos bens e que seja mais agressiva a ponto de gerar competitividade maior para os produtos nacionais no exterior, e não ficar dependendo apenas da competitividade dada pelos fatores naturais, caso dos produtos intensivos em recursos naturais.

Tabela 4. Balança comercial da RMC: 19 municípios (milhões US\$ FOB)

RMC	2006	2007	Var (%)
Exportação	5.577	5.884	5,51
Importação	6.974	8.571	22,89
Saldo	-1.397	-2.687	92,26

Fonte: elaboração dos autores com dados da SECEX-MDIC (2007)

No relacionamento do município de Campinas com o exterior a Argentina se destaca ocupando o segundo lugar dos principais destinos dos bens exportados pelas empresas da cidade. Em 2006 foram cerca de

US\$ 213 milhões, o que resultou em 14,6% de tudo que a cidade exportou neste ano. Em 2007 o valor exportado passou para cerca de US\$ 219 milhões, agora representando 17% do total.

Tabela 5: Destino da exportação do município de Campinas (milhões US\$ FOB)

Destino da exportação	2006	% sobre total	2007	% sobre total	Var % 07/06
Estados Unidos	321,59	21,9	300,01	23,2	-6,7
Argentina	213,45	14,6	219,02	17,0	2,6
Venezuela	409,20	27,9	205,82	15,9	-49,7
Provisão de Aeronaves	74,84	5,1	80,97	6,3	8,2
México	74,03	5,1	75,81	5,9	2,4

Fonte: elaboração dos autores com dados da SECEX-MDIC (2007)

Observa-se que entre 2006 e 2007 ocorreu um baixo crescimento da exportação, mesmo assim, o destino Argentina se destacou para as empresas sediadas em Campinas, com crescimento de 2,6% no período.

No entanto, quando observamos o número de empresas exportadoras e importadoras no comércio com a Argentina, no período 2001-2006 (tabelas 6 e 7), notamos uma queda no número de empresas exportadoras tanto no Brasil, quanto no Estado de São

Paulo e no município de Campinas, menos para a RMC. Isto demonstra que a valorização recente da moeda brasileira esta dificultando o acesso de mais empresas ao mercado externo, mas mostra também que neste período empresas se instalaram na região e passaram a ter o mercado argentino como destino, o que explica o aumento de empresas exportadoras para a Argentina na RMC, com destaque para a indústria automobilística e de autopeças.

Tabela 6. Número de exportadoras para a Argentina (2001-2006)

	2001	2006	var % 2006/01
Brasil	6.501	5.790	-10,9
São Paulo	3.318	2.968	-10,5
RMC	336	346	3,0
Campinas	95	82	-13,7

Tabela 7. Número de importadoras para a Argentina (2001-2006)

	2001	2006	var % 2006/01
Brasil	5.168	5.027	-2,7
São Paulo	2.206	2.120	-3,9
RMC	173	195	12,7
Campinas	61	62	1,6

Considerações finais

A Argentina é parceiro preferencial do Brasil. Um parceiro que se consolidou com a criação do MERCOSUL e cujas estruturas produtivas tem se entrelaçado ao longo do tempo. São economias que ainda tem um enorme espaço para aprofundarem suas complementaridades em setores e produtos específicos, como vem ocorrendo com o setor automotivo, e com isso incrementar o fluxo de comércio entre si. Para expandir ainda mais o comércio necessitam de estímulos e maiores incentivos para uma maior integração econômica, isto envolve esforços em todos os níveis de governo.

Políticas de coordenação macroeconômica são essenciais para um maior aprofundamento da integração econômica, da mesma forma, disseminação de informações é o mínimo necessário para o estímulo de novos negócios. Neste sentido, as prefeituras da RMC podem tomar a iniciativa já realizada pela Prefeitura de Campinas de estimular rodadas de negociação e eventos que disseminem informações sobre este mercado potencial e próximo da RMC. O número de empresas da RMC que comercializam com a Argentina aumentou nos últimos cinco anos, cabe, portanto, localizar mais pontos em comum e estimular novos negócios, a renda e o emprego na RMC

Boletim Econômico PUC-Campinas**Núcleo de Pesquisa e Extensão do CEA**

Rodovia Dom Pedro I, km 136
Parque das Universidades - Campinas - SP
CEP 13086-900

Tel: 19-3343-6776

Fax: 19-3343-7048

boletim_economico@puc-campinas.edu.br

www.puc-campinas.edu.br/imprensa/boletim_economico

Conselho Editorial:

Antônio Carlos de Azevedo Lobão
Eduard Pranic
Gideon Carvalho de Benedicto
José Antônio Bernal F. Olmos
José Homero Adabo
Lineu Carlos Maffezoli
Márcio Roberto P. Tangerino
Marcius Fabius Henrique de Carvalho
Marcos Francisco de Souza
Nelly Maria Sansigolo de Figueiredo
Paulo Antônio da Graça Lima Zuccolotto

Comitê Editorial:

Adauto Roberto Ribeiro
Bruna Angela Branchi (Editora executiva)
Candido Ferreira da Silva Filho
Eliane Navarro Rosandiski
Nelly Maria Sansigolo de Figueiredo (Editora geral)

**Pontifícia Universidade Católica de
Campinas**

Reitor: Prof. Pe. Wilson Denadai

Vice-Reitora: Profa. Angela de Mendonça Engelbrecht

Pró-Reitor de Graduação: Prof. Germano Rigacci
Júnior

Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação: Profa. Vera
Engler Cury

Pró-Reitor de Extensão e Assuntos Comunitários: Prof.
Paulo de Tarso Barbosa Duarte

Pró-Reitora de Administração: Profa. Angela de
Mendonça Engelbrecht

Centro de Economia e Administração (CEA)

Diretor

Prof. Antônio Carlos de Azevedo Lobão

Diretor Adjunto

Prof. Eduard Pranic

Diretor da Faculdade de Administração

Prof. Paulo Antônio da Graça Lima Zuccolotto

Diretor Adjunto da Faculdade de Administração (Comércio
Exterior)

Prof. José Antônio Bernal F. Olmos

Diretor Adjunto da Faculdade de Administração (Logística e
Serviços)

Prof. Marcius Fabius Henriques de Carvalho

Diretor da Faculdade de Economia

Prof. Lineu Carlos Maffezoli

Diretor da Faculdade de Ciências Contábeis

Prof. Marcos Francisco Rodrigues Sousa

Coordenadora do Núcleo De Pesquisa e Extensão

Profa. Nelly Maria Sansigolo de Figueiredo

Assessoria e Divulgação
Departamento de Comunicação da PUC-Campinas